

# Bruno Zevi e a degradação cultural da universidade italiana nos anos 1970

*Bruno Zevi and cultural degradation of the Italian university in the 1970s*

Fernando G. Vázquez Ramos\* e Eneida de Almeida\*\*

## Resumo

Relacionado às atividades de pesquisa e tradução de textos importantes para a historiografia da arquitetura, e amparado no Projeto de Pesquisa “Representações: tratados e manifestos” na USJT, este artigo apresenta, traduz e comenta o texto “Sfascio universitario e degrado culturale”, do arquiteto e historiador italiano Bruno Zevi. Publicado em 1979, na renomada revista *L’architettura - cronache e storia*, que o próprio Zevi dirigia, o texto explica as razões que levaram o historiador a solicitar sua aposentadoria antecipada ao cargo de Professor Titular na Universidade de Roma. As severas críticas à situação universitária daquela época presentes na publicação podem ser consideradas, ainda hoje, como de grande atualidade e representam uma amostra clara do instigante pensamento do ilustre autor.

**Palavras-chave:** Bruno Zevi. Crise Universitária. Manifestos do século XX.

## Abstract

Related to research activities and translation of important texts to the historiography of architecture, and supported by the Research Project “Representations: treaties and manifest” at the USJT, this article presents, translates and comments the text “Sfascio universitario e degrado culturale”, written by the Italian architect and historian Bruno Zevi. Published in 1979, at the renowned magazine *L’architettura - cronache e storia*, that Zevi directed himself, the text explains the reasons for the historian to apply to an early retirement from the position of Gownsmen Professor at the University of Rome. The severe criticisms of the university situation of that time, present in the publication, can be considered, even today, as very timely and certainly represent a clear sample of the provocative thought of the illustrious author.

**Keywords:** Bruno Zevi. University crisis. Manifestos of the twentieth century.

\*Arquiteto (UNBA, 1979); Técnico em Urbanismo (INAP, 1988); Master em Estética y Teoría de las Artes (IETA, 1990); Doutor em Arquitetura (ETSAM-UPM, 1992). Desde 2010, é professor responsável no curso de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-graduação da USJT. Desde 2011, é coeditor da revista eletrônica arq.urb.

\*\*Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP em 2010. Desde 2011 é co-editora da revista eletrônica arq.urb. Mestre em Estudo e Restauro de Monumentos pela Università degli Studi di Roma - La Sapienza em 1987 e arquiteta pela FAU-USP em 1981.

1. O texto foi lido numa assembléia do Partido Radical e, posteriormente, publicado como editorial na revista *L'architettura - cronache e storia* (revista dirigida pelo próprio Zevi), n. 288, out. 1979. Está publicado também em: ZEVI, Bruno. **Zevi su Zevi**: architettura come profezia. Venezia: Marsilio, 1993, p. 135-138. Ainda, pode ser encontrado no site da Fundação Bruno Zevi: <http://www.fondazionebrunozevi.it/19781988/frame/pagine5/exodus.htm>. Acessado em: 14 set. 2014.

2. Zevi começou sua carreira docente em 1948 como professor no Instituto Universitário de Arquitetura da Universidade de Veneza, onde esteve até 1963, quando voltou para Roma, após vencer o concurso para professor titular da cátedra de História da Arte e de História e Estilos da Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, “La Sapienza”. Seu sucessor em Veneza foi nada menos que Manfredo Tafuri. Seu primeiro livro foi: *Verso un'architettura organica*, (Turim: Giulio Einaudi, 1945); em 1948 publicou *Saper Vedere L'architettura* (Turim: Giulio Einaudi), tradu-

ção ao português como: **Saber Ver a Arquitetura** (São Paulo: Martins Fontes, 2002); em 1950 publicou sua *Storia dell'architettura moderna* (Turim: Giulio Einaudi), tradução ao português como **História da Arquitetura Moderna**, 2 volumes (Lisboa: Arcádia, 1973); em 1953 publicou *Poetica dell'architettura neoplasticista* (Milão: Tamburini); em 1960, **Architettura in nuce**, que foi traduzido ao português como: *Arquitetura in nuce*: uma definição de arquitetura (São Paulo: Martins Fontes, 1986); em 1973, *Spazi dell'architettura moderna* (Turim: Giulio Einaudi). Publicou, também, livros sobre arquitetos, destacando-se: *Erich Mendelsohn Opera Completa* (Milão: Etas Kompass, 1970); e *Michelangiolo architetto* (Turim: Giulio Einaudi, 1964), este último junto com o arquiteto Paolo Portoghesi. Seus últimos trabalhos publicados foram: *Storia e controscoria dell'architettura in Italia* (Roma: Newton Compton, 1997) e *Capire e fare architettura. Capolavori del XX secolo esaminati con le sette invarianti del linguaggio moderno* (Roma: Newton Compton, 1997).

## Bruno Zevi e a degradação cultural da universidade italiana nos anos 1970.

Fernando G. Vázquez Ramos e Eneida de Almeida

O texto “Sfascio universitario e degrado culturale”,<sup>1</sup> que aqui traduzimos e comentamos, foi escrito pelo historiador italiano Bruno Zevi (1918-2000) como justificativa e explicação de sua renúncia ao cargo de Professor Titular. O autor, um dos mais importantes historiadores da arquitetura do século XX,<sup>2</sup> concretizou com sua renúncia, em 1979, a condenação e repúdio à situação crítica na qual se encontrava a universidade italiana, nos anos de 1970, em particular La Sapienza, onde o professor exercia sua docência. A severa avaliação de Zevi não se limita às autoridades universitárias, mas principalmente à destruição da estrutura universitária tradicional, implementada, segundo o autor, pelo próprio Estado e, em certo sentido, com a complacência da sociedade. A finalidade última perseguida seria transformá-la numa universidade de massas, segundo os ditames defendidos pela intelligentsia de esquerda que dominava a estrutura docente, cooptando cargos e criando nichos de poder dentro da mesma universidade. Para Zevi,

o que se pretendia era sufocar a universidade de elite sem, contudo, ter ainda as ferramentas, e a capacidade, para construir uma alternativa de universidade para as massas. Não existe, uma universidade de massas, afirma o autor, mas só uma massificação da universidade, que traz consigo um rebaixamento dos padrões culturais, de ensino e de pesquisa vigentes, transformando tudo em um sistema incapaz de atender os anseios dos estudantes e as perspectivas dos professores. A universidade iria se reduzir assim a um automático “laureificio di massa”, isto é, uma graduação massificada de estudantes que sairiam tão “analfabetos” quanto entraram. Segundo o professor, o projeto da universidade de massas na Itália já nascera falido, apesar do trabalho de importantes pensadores e professores, todos militantes antifascistas, ainda que não necessariamente de esquerda, porque o modelo adotado não possuía nenhum dos atributos próprios do ensino de massas, como o ensino à distância, promovido pelas

universidades inglesas, ou a territorialização das unidades de ensino, desenvolvida pela política educacional francesa. Na opinião de Zevi, a Itália veio burocratizando o aparelho institucional, criando verdadeiros bunkers ideológicos nos departamentos e cátedras das faculdades e deixando os estudantes sem os recursos necessários para poder desenvolver atividades de qualquer tipo, do aprendizado à pesquisa. Cabe assinalar, no entanto, que os estudantes não são simples vítimas desse sistema perverso, mas também formam parte ativa nele, pois são cúmplices do esfacelamento didático, aceitando, em troca da titulação, a falta de estrutura física e profissional que assolava a universidade naquela época de abertura indiscriminada de vagas e de cursos. Zevi reage a essa situação de uma forma operativa e crítica, renuncia, de forma heróica, propiciando assim o debate sobre o estado da universidade. O texto aqui traduzido sintetiza o pensamento do historiador sobre esse momento angustiante da história acadêmica italiana.

Em uma primeira e rápida leitura, o texto de Zevi pode suscitar a ideia de semelhança com a situação atual das universidades brasileiras. Porém, cabe enfatizar que a universidade objeto da crítica do professor, foi o produto de uma política de Estado que fomentou o acesso universal à educação superior, em que, ao concluir o ensino médio, qualquer pessoa poderia frequentar, como também qualquer pessoa ao completar 35 anos de idade, mesmo sem possuir um título de estudo.

A situação brasileira atual, no entanto, é muito diferente. A massificação do ensino diz respeito especialmente às universidades particulares, dos anos 90 em diante, com o crescimento exponencial das próprias instituições de ensino e o aumento desproporcional do número de alunos por uma relativa facilidade de acesso. Ao contrário da situação italiana dos anos 70, a universidade pública brasileira continua uma instituição destinada a poucos, com um acesso restrito por um exame vestibular cada vez mais anacrônico frente à demanda enorme de cultura por parte dos jovens e da sociedade como um todo.

A piora do desempenho acadêmico e a maior burocratização da universidade pública podem ser atribuídas a uma gestão equivocada moldada segundo o modelo empresarial que não prioriza a qualidade do ensino e da pesquisa. Pode, ainda, ser o resultado da inadequação da estrutura universitária (pública e privada) atual à sociedade de massas, como Zevi afirmou: não devemos insistir numa universidade massificada, e sim, pensar no que seria uma universidade para as massas.

Mesmo partindo de uma situação historicamente distinta e antagônica à brasileira, o professor Zevi identifica alguns dos problemas que nos dias de hoje afetam as nossas universidades. Encontrar soluções criativas e inovadoras é o desafio crucial dos nossos tempos e um dever da sociedade como um todo.

3. Alberto Asor Rosa (1933) é crítico literário, professor, escritor e político de formação marxista, trabalhou na linha ideológica do filósofo e político marxista Mario Tronti (1931-), foi editor do semanário comunista Rinascente (órgão oficial do PCI), colaborou com revistas como Laboratorio Politico e Mondo Nuovo, Quaderni Rossi, Classe Operaia, e foi diretor de Contropiano. Nessas últimas três publicações foram veiculados artigos importantes de pensadores da esquerda italiana que escreveram sobre arquitetura, como o historiador Manfredo Tafuri, o filósofo e político Massimo Cacciari (1944-) e o historiador e crítico Francesco Dal Co (1945-).

4. Lucio Lombardo Radice (1916-1982) foi matemático e professor na Universidade de Roma, “La Sapienza”, autor de livros de divulgação da ciência e da matemática para crianças, foi também importante dirigente do PCI.

5. Edoardo Sanguinetti (1930-2010) foi poeta, escritor e teatrólogo, professor de literatura nas universidades de Turim, Salerno e Genova, destacou-se como um dos principais teóricos do Grupo 63, do qual participou também Umberto Eco (1932-), um movimento literário italiano de vanguarda formado em Palermo em 1963, que permaneceu em atividade até o fim dos anos 60,

e propunha uma alternativa à experiência neorrealista, afinal em declínio, baseada no experimentalismo linguístico, como instrumento capaz de dialogar com a nova realidade do boom econômico daqueles anos.

6. Não existe em português uma palavra que expresse o significado de “omertà”, que em italiano é utilizado para exprimir o silêncio de pessoas que se calam, ao invés de denunciar irregularidades ou crimes, intimidados por pessoas ou organizações mafiosas, ou ainda o silêncio dos mafiosos. Assim sendo, preferimos manter o termo no idioma original.

7. Sabino Acquaviva (1929-), sociólogo e professor universitário em várias instituições prestigiosas da Itália, como as universidades de Trento e Padova. Foi considerado um dos representantes do pensamento da Nova Esquerda e escreveu *L'eclissi del sacro nella società industriale* (1961). Em português foi publicado só um livro seu: *Projectar a felicidade*. Lisboa: Edições 70, 1996.

8. Renzo De Felice (1929-1996), historiador italiano cujas pesquisas dedicadas especialmente ao tema do fascismo e a Benito Mussolini, em particular, produziram extensa documentação, tendo contribuído significativamente para a revisão das interpretações tradicionais. Em português foi publicado *Explicar o Fascismo*: Lisboa, Edições 70, 1978.

### Sfascio universitario e degrado culturale

Il compromesso storico funziona splendidamente. I professori comunisti, da Asor Rosa a Lombardo Radice e Sanguinetti, scattano all'unisono con i colleghi della destra, in difesa dell'«istituzione», dell'«ordine», della disciplina corporativo-burocratico-sindacale, insomma in difesa dell'acquiescenza. Non possono smentire quanto hanno affermato ritualmente, durante vent'anni, in focose e platoniche dichiarazioni; ma, dopo aver ribadito pro forma che l'università è in stato di necrosi, proclamano a gran voce che adesso si registra una ripresa, che alcuni studenti lavorano con serietà, che un po' di ricerca e di cultura si riesce a produrre, che bisogna aver pazienza perché comunque l'università cosiddetta di massa è sempre preferibile a quella elitaria, e guai a chi l'abbandona per lanciare un allarme, invece di restare lì, sulla barca che affonda, senza alzare un dito, anzi contribuendo col peso del silenzio e dell'omertà ad accelerarne l'inabissamento. Reazione da destra e reazione da sinistra trovano una precisa convergenza nel pantano accademico, e le eccezioni si contano sulle dita, anche se annoverano nomi quali Sabino Acquaviva, Renzo De Felice, Carlo Ludovico Ragghianti, Vittorio Strada, Adriano Buzzati Traverso, Giulio Carlo Argan, Paolo Alatri, Massimo L. Salvadori e pochi altri.

Perché sento l'impulso di intervenire in questa

### Esfacelamento universitário e degradação cultural

O compromisso histórico funciona lindamente. Os professores comunistas, de Asor Rosa<sup>3</sup> a Lombardo Radice<sup>4</sup> e Sanguinetti,<sup>5</sup> juntos em unísono com os colegas da direita, em defesa da 'instituição', da 'ordem', da disciplina corporativa-burocrática-sindical, em suma, em defesa de aquiescência. Eles não podem negar o que foi afirmado ritualmente, durante 20 anos, em incendiárias e platônicas declarações; mas, depois de repetir pro forma que a universidade está em um estado de necrose, proclamam em voz alta que agora há uma recuperação, que alguns estudantes trabalham com seriedade, que um pouco de pesquisa e cultura se consegue produzir, que é necessário ter paciência, pois de todo modo, a universidade chamada de massa é sempre preferível à elitista, e ai de quem a abandona para lançar o alarme, ao invés de ficar lá no barco afundando, sem levantar um dedo, até mesmo contribuindo com o peso de silêncio e da omertà<sup>6</sup> a acelerar o seu afundamento. Reação da direita e reação da esquerda encontram uma clara convergência no pântano acadêmico, e as exceções podem ser contadas nos dedos, embora incluam nomes como Sabino Acquaviva,<sup>7</sup> Renzo De Felice,<sup>8</sup> Carlo Ludovico Ragghianti,<sup>9</sup> Vittorio Strada,<sup>10</sup> Adriano Buzzati Traverso,<sup>11</sup> Giulio Carlo Argan,<sup>12</sup> Paolo Alatri,<sup>13</sup> Massimo L. Salvadori<sup>14</sup> e alguns outros.

Por que sinto o impulso de intervir nesta assem-

9. Carlo Ludovico Ragghianti (1910-1987), político e teórico da arte, influenciado pelo pensamento de Benedetto Croce (1866-1952) e pela teoria da pura visibilidade de Konrad Fiedler (1841-1895). Um dos fundadores do Partido d'Azione foi preso e condenado ao confinamento por sua ação política antifascista.

10. Vittorio Strada (1929-), premiado filólogo e crítico literário especializado em literatura russa e soviética.

11. Adriano Buzzati Traverso (1913-1983), biólogo, importante geneticista que fundou em 1961 o Instituto di Genetica e Biofisica de Nápoles.

12. Giulio Carlo Argan (1909-1992), renomado historiador e professor de história da arte. Em sua obra, destacam-se livros como *Arte Moderna* (1964), *Clássico e Anticlássico* (1984), *História da Arte como História da Cidade* (1983). Foi prefeito da cidade de Roma (1976-1979) e Senador da República Italiana (1983-92), pelo Partido Comunista Italiano (PCI). Todas as obras mais importantes de Argan já foram publicadas em português.

13. Paolo Alatri (1918-1995), político e historiador, foi professor nas universidades de Palermo, Perugia e Messina. Foi colega de Zevi na escola e militou no PCI.

14. Massimo Luigi Salvadori (1936-), emérito professor da Universidade de Turim, his-

toriador da doutrina política especializado no Novecento italiano. Foi deputado pelo Partito Democratico della Sinistra (PDS), de 1992-1994.

15. Zevi pronuncia este discurso, como já foi dito, na Assembleia do Partito Radicale (PR), partido italiano de esquerda cujas bandeiras são o liberalismo e o radicalismo (a favor do aborto e dos direitos civis, contra o militarismo e o colonialismo, anti-soviético e defensor dos direitos das minorias). Uma de suas bandeiras mais populares era a do enfrentamento à corrupção endêmica dos governos italianos. Zevi chegou a ser seu Presidente de Honra, em 1988.

16. Refere-se às bandeiras liberais e democráticas defendidas pelo PR.

17. Marco Panella (1930), líder do Partito Radicale, foi membro do Parlamento Europeu de 1979 a 2009.

18. Refere-se à luta pela autonomia da universidade desenvolvida pelos representantes do PR no parlamento italiano, durante a VII Legislatura que tinha Giulio Andreotti como Presidente do Conselho de Ministros (1976-1979). Durante essa Legislatura o PR questionou os projetos de lei que sobre autonomia e governança pretendiam intervir na universidade, considerada, pelo governo, como um foco de instabilidade social e berço dos movimentos guerrilheiros

assemblea? Perché il radicalismo si è maturato nelle battaglie degli atenei, e molti dei suoi leader, a cominciare da Marco Pannella, si sono affinati guidando il movimento degli studenti universitari. Del resto, anche nella passata legislatura, i deputati radicali sono stati coinvolti nel tema universitario, e hanno coraggiosamente bloccato una delle tante leggi con cui i governi democristiani cercano di stroncare l'opposizione negli atenei, distribuendo prebende, accrescendo lo stuolo dei salariati, svigorendo e corrompendone la cultura. Ma questo non basta più. La questione universitaria assume ormai un'urgenza prioritaria. Lo ha dimostrato in queste settimane il trascurabile episodio di un professore dimessosi anticipatamente che ha riempito le prime pagine dei quotidiani e i notiziari della radio e della televisione. Perché un evento così modesto ha scatenato un putiferio? Per il semplice motivo che, in questo paese, basta che qualcuno esprima le sue convinzioni con un atto, anche minimo, pagato di persona, basta questo perché l'obbrobrio, lo scandalo universitario riesploda.

Oggi non si tratta più di «riforma», meno ancora di una riforma basata sullo slogan, privo di senso, dei dipartimenti. Occorre una rivoluzione che ristrutturati, alle radici, la didattica e la ricerca. In mancanza di questa trasformazione radicale, non solo avremo un'università degradata, inferiore a quelle peggiori del terzo mondo, ma - quel che è assai più grave - avremo una cultura mor-

*bléia?*<sup>15</sup> Porque o radicalismo<sup>16</sup> amadureceu nas batalhas das universidades, e muitos de seus líderes, a começar por Marco Panella,<sup>17</sup> foram se aperfeiçoando no exercício da liderança do movimento de estudantes universitários. Além disso, mesmo na anterior legislatura, os deputados do Partito Radicale envolveram-se nas discussões relativas aos assuntos universitários, e corajosamente bloquearam uma das muitas leis<sup>18</sup> pelas quais os governos da Democracia Cristã procuram despedaçar a oposição no meio acadêmico, distribuindo benesses, aumentando a legião de funcionários, empobrecendo e corrompendo a cultura daqueles meios. Mas isso não é mais o suficiente. A questão universitária assume afinal uma urgência prioritária. Isso foi demonstrado, nas últimas semanas, pelo episódio insignificante de um professor que renunciou antecipadamente e que encheu as primeiras páginas dos jornais e noticiários da rádio e da televisão.<sup>19</sup> Por que um evento tão modesto provocou um alvoroço tão grande? Pelo simples motivo de que, neste país, basta que qualquer um que expresse suas convicções com um ato, ainda que mínimo, sentindo na pele, basta isso para que a infâmia, o escândalo universitário estoure novamente.

*Hoje não se trata mais de "reforma", e menos ainda de uma reforma baseada no slogan, desprovido de sentido, dos departamentos.<sup>20</sup> É necessária uma revolução que reestruture, na raiz, o ensino e a pesquisa. Na ausência dessa transformação radical, não só teremos uma universidade degradada, inferior às piores do terceiro mundo, mas - o que é*

paramilitares, como o das Brigadas Vermelhas.

19. O caso da renúncia de Zevi a sua cátedra na universidade vem a público quando o jornal *Corriere della Sera* (um dos três periódicos mais importantes da Itália, editado em Milão) estampa na primeira página da edição de 8 de agosto de 1979 que “um professor de arquitetura abandona a universidade com 14 anos de antecedência [da aposentadoria obrigatória], desatando uma furibunda polêmica” sobre o estado da universidade italiana. A renúncia ao cargo foi uma forma de protesto pelo estado de descabimento em que, na sua opinião, encontrava-se a universidade. Este texto é a explicação de Zevi à situação.

20. Faz menção à liberdade dada aos Departamentos, dentro das faculdades, para gerir a universidade, pois era neles que a força dos partidos (especialmente o Comunista) se concentrava.

21. Benedetto Croce (1866-1952), filósofo, pensador, político e historiador da arte, emérito professor universitário, foi reitor da Universidade de Roma. Senador (1910) e Ministro da Educação (1920-21), publicou trabalhos importantes no campo da arte, da filosofia e da história, como: *Teoria e storia della storiografia* (1917); *La storia come pensiero e come azione* (1938); *Il carattere della filosofia mo-*

*derna* (1941) e *Filosofia e storiografia* (1949). Em português contamos com: *História como história da liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006; *Materialismo histórico e economia marxista*. São Paulo: Centauro, 2007; *Breviário de estética*. São Paulo: Atica, 1997.

22. Piero Gobetti (1901-1926), jornalista e intelectual antifascista que atuou durante a Primeira Guerra Mundial.

23. Carlo Rosselli (1899-1937), político, filósofo e jornalista antifascista. Socialista não marxista inspirado no “laborismo” britânico. Sabatino [Nello] Rosselli (1900-1937), jornalista antifascista irmão de Carlo. Ambos foram assassinados na França por forças fascistas. Em português foi publicado deste autor: *Socialismo liberal*. São Paulo: Instituto Teotônio Vilela, 1997.

24. Luigi Pirandello (1867-1936), dramaturgo e escritor, recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1934, foi grande renovador do teatro e da comédia. Este autor é amplamente publicado em português.

25. Aldo Palazzeschi (1885-1974), pseudônimo de Aldo Giuriani, ensaísta, escritor, jornalista e poeta, teve importante influência tanto para o Futurismo como para a Neovanguarda italiana de pós-guerra.

26. Giuseppe Terragni (1904-1943), participante do Gruppo Sette que, a partir de 1926, desenvolveu um papel

tificata e travolta dal sottosviluppo universitario. Vorrei che almeno un dato fosse chiaro: l'università italiana sta fagocitando la libera cultura, con migliaia di concorsi a cattedra la maggiore parte degli intellettuali s'invischia a vita in una macchina faraonica, irresponsabile, inagibile, culturalmente improduttiva, didatticamente assurda, e ciò si ripercuote nell'attività culturale e creativa che si esplicita fuori dell'università. Il paradosso è questo: durante il fascismo, esisteva una libera cultura, impersonata da Benedetto Croce, Piero Gobetti, Carlo e Nello Rosselli, dai fuoriusciti, dai carcerati e dai confinati, da Luigi Pirandello e Aldo Palazzeschi, da architetti e critici di architettura quali Terragni, Persico, Pagano, cui era vietata la porta dell'università; e noi siamo cresciuti e abbiamo combattuto la tirannia, alimentati da quella libera cultura. Oggi, invece, la libera cultura non esiste quasi più, poiché gli intellettuali, persino i poeti, quando non sono «organici» ai partiti, quando non sono assorbiti dall'industria culturale editoriale, vengono ingoiati da un'industria anche più infertile, quella pseudoculturale universitaria, gigantesca fabbrica di libri, libricoli, quaderni, riviste e rivistine che nessuno legge, che non hanno mercato, ma servono a vincere borse di studio e concorsi a cattedra. Quando l'università diventa una mostruosa corporazione burocratico-sindacale e un mastodontico parcheggio per giovani disoccupati, il suo carattere anticulturale si estende e lentamente contagia ogni ramo della scienza.

*bem mais grave -, teremos uma cultura humilhada e arrasada pelo subdesenvolvimento universitário. Eu queria que pelo menos um dado fosse claro: a universidade italiana está fagocitando a livre cultura, com milhares de concursos para professores titulares pelos quais a maior parte dos intelectuais, embrenha-se por uma vida inteira em uma máquina faraônica, irresponsável, ingovernável, improduttiva culturalmente, didaticamente absurda, e isso repercute na atividade cultural e criativa que se explicita fora da universidade. O paradoxo é o seguinte: durante o período fascista, existia uma cultura livre, personificada por Benedetto Croce,<sup>21</sup> Piero Gobetti,<sup>22</sup> Carlo e Nello Rosselli;<sup>23</sup> por exilados, detentos e confinados, por Luigi Pirandello<sup>24</sup> e Aldo Palazzeschi,<sup>25</sup> por arquitetos e críticos de arquitetura, tais como Terragni,<sup>26</sup> Persico,<sup>27</sup> Pagano,<sup>28</sup> a quem foi proibida a entrada na universidade; e nós crescemos e combatemos a tirania, alimentados por aquela livre cultura. Hoje, ao contrário, quase não há mais livre cultura, uma vez que os intelectuais, até mesmo os poetas, quando não são alinhados aos partidos, quando não são absorvidos pela indústria cultural editorial, são tragados por uma indústria ainda mais estéril, aquela pseudo-cultural universitária, gigantesca fábrica de livros, folhetos, cadernos, revistas e revistinhas que ninguém lê, que não têm mercado, mas são necessárias para ganhar bolsas de estudo e concursos acadêmicos. Quando a universidade torna-se uma monstruosa corporação burocrático-sindical e um estacionamento gigantesco para jovens desempregados, seu caráter anticultural se estende e lentamente contagia cada ramo da ciência.*

proeminente para o nascimento e definição do racionalismo italiano, foi um dos mais importantes arquitetos representantes da arquitetura moderna na Itália no período entre as duas guerras. Uma de suas obras mais conhecidas a Casa del Fascio (1932-36), hoje conhecida como Casa del Popolo, em Como.

27. Edoardo Persico (1900-1936), arquiteto, crítico de arte e designer, publicou e fundou várias revistas, entre elas Casabella.

28. Giuseppe Pagano (1896-1945), importante arquiteto racionalista italiano, projetou móveis e interiores, além de exposições. De 1930 a 1943 foi diretor da revista Casabella (no período entre 1930 e 1936, atuou em colaboração com Edoardo Persico).

Che tale processo sia giustificabile in nome dell'università di massa è uno degli equivoci, degli alibi, piú diffusi e balordi. L'università di massa da noi non esiste; esiste solo la massificazione abbruttente dell'università d'élite. La liberalizzazione dell'accesso non ha portato all'università i figli meritevoli dei contadini, dei proletari e dei sottoproletari; al piu, vi ha portato, indiscriminatamente, i figli somari della borghesia urbana media e piccola. Ma, anche questo alla condizione di rimanere somari, di laurearsi in stato di analfabetismo, perché il nostro elefantico meccanismo universitario può a stento sopravvivere solo se la maggioranza degli studenti non segue le lezioni e i seminari, non frequenta la biblioteche e i laboratori, e rinuncia a priori alle attrezzature indispensabili alla ricerca. La cosiddetta università di massa, in Italia, è un esame e un laureificio di massa, non una scuola di alta cultura aperta alla massa. Ad Architettura, a Medicina, a Lettere, a Magistero, a Giurisprudenza, piú o meno in ogni facoltà, poiché solo un'élite di studenti può malamente frequentare, l'università è costretta a richiedere uno standard nazionale infimo, vergognoso, l'unico compatibile con il suo assetto grottesco. La ricerca, per quel poco che si fa, si svolge nel chiuso degli istituti baronali, senza la partecipazione degli studenti e spesso neppure dei giovani docenti. Impera il burocratismo piu demenziale nell'assegnazione degli incarichi d'insegnamento, mentre nei concorsi domina la lottizzazione partitica, da parte comunista non meno che da parte democristiana.

*Que tal processo seja justificável em nome da universidade de massas é um dos equívocos, um dos alibis, mais difundidos e estúpidos. A universidade de massas não existe na Itália; existe apenas a massificação que embrutece a universidade de elite. O livre acesso à universidade não trouxe os filhos meritórios dos camponeses, proletários e sub-proletários; no máximo, trouxe de forma indiscriminada, os filhos asnos da média e pequena burguesia urbana. Mas mesmo assim, na condição de permanecerem burros, de graduar-se em estado de analfabetismo, porque o nosso gigantesco mecanismo universitário consegue sobreviver apenas se a maioria dos alunos não assistir às aulas, aos seminários, não frequentar as bibliotecas e os laboratórios e renunciar a priori, aos equipamentos indispensáveis à pesquisa. A assim chamada universidade de massas, na Itália, é uma fábrica de exames e uma fábrica de diplomas de massa, não uma escola de alta cultura aberta às massas. Na Arquitetura, na Medicina, em Letras, no Magistério, ou em Direito, mais ou menos em cada faculdade, já que apenas um grupo de elite de estudantes pode mal frequentar, a universidade é forçada a requerer um padrão orçamentário ínfimo, vergonhoso, o único compatível com sua estrutura grotesca. A pesquisa, para o pouco que é feito, ocorre em instituições fechadas "aristocráticas", sem a participação de estudantes e muitas vezes nem sequer com aquela dos jovens professores. Impera a burocracia mais insanana na atribuição de funções e disciplinas, enquanto nos concursos domina a partilha partidária, tanto por parte dos comunistas como dos democristãos.*

E ancora: se l'esperienza francese delle «unità pedagogiche» ha mostrato come si possano articolare le facoltà sul territorio, quella inglese della Open University attesta che l'uso dei mass-media è lo strumento indispensabile per un'università di massa. Ma la nostra ineffabile RAI-TV rifiuta anche l'ipotesi di apprestare un'Università dell'Aria; per ore e ore del giorno e della notte non trasmette niente, ma non consente di dedicare queste ore all'insegnamento a distanza, che potrebbe davvero portare l'università alle masse di tutto il paese.

Nel salto qualitativo «dall'antagonista radicale al protagonista socialista», qualcosa bisogna fare concretamente per la cultura e per l'università, combattendo anzitutto la dilagante «reazione da sinistra» nell'arte e nell'attività intellettuale. La colpa dello sfacelo, ovviamente, è della destra, ma questo non ci interessa: la destra fa il suo mestiere. Il dramma è che la colpa è anche nostra, perché non siamo capaci di inventare le strutture di un'università di massa, non siamo capaci di rinnovare l'università statale, e non siamo neppure capaci di escogitare qualche alternativa, un'università indipendente, laica, promossa dalla sinistra e atta a stimolare la ristrutturazione di quella statale. Nella nostra azione universitaria, siamo alla bancarotta, alla perdita di credibilità. All'inizio di ogni stagione accademica, qualche rettore minaccia di non riaprire l'ateneo: cerimonia inoffensiva, che serve a scaricare la co-

*E não é tudo: se a experiência francesa das "unidades pedagógicas" demonstrou como se podem articular as faculdades no território, a britânica Open University certifica que o uso dos meios de comunicação é uma ferramenta indispensável para a universidade de massas. Mas a nossa infável RAI-TV<sup>29</sup> rejeita até mesmo a ideia de preparar uma "Universidade no Ar"; por horas e horas do dia ou da noite, não transmite nada, mas não consente destinar esse horário para o ensino à distância, que poderia realmente levar a universidade às massas de todo o país.*

*No salto qualitativo "do antagonista radical ao protagonista socialista", algo deve ser feito concretamente para a cultura e para a universidade, combatendo, em primeiro lugar, a alastradora "reação que vem da esquerda" na arte e na atividade intelectual. A culpa pelo esfacelamento, obviamente, é da direita, mas isso não nos diz respeito: a direita faz o seu trabalho. O drama é que a culpa é também nossa, porque nós não somos capazes de inventar as estruturas de uma universidade de massas, não somos capazes de renovar a universidade pública, e nós nem sequer somos capazes de inventar alguma alternativa, uma universidade independente, laica, promovida pela esquerda e apta para estimular a reestruturação daquela estatal [existente]. Em nossa ação universitária, estamos falidos, com uma perda de credibilidade. No início de cada temporada acadêmica, algum reitor ameaça não reabrir o ateneu: uma cerimônia inofensiva, que serve para aliviar a consciência. Nem*

29. Nos anos 1970 a RAI-TV, canal público, era a única capaz de transmitir em todo o território nacional.

scienza. Neppure un rettore di eccezionali doti, come Antonio Ruberti, può superare l'impasse. I piccoli rimedi, volti all'efficientismo, non intaccano la sostanza del tema. La seconda università romana, a Tor Vergata, a parte il fatto che ci vorranno dieci anni per costruirla, sarà un Lager peggiore della prima.

A questo punto, l'unica speranza sta nel governo-ombra proposto dai radicali, idea-motrice caratterizzante il passaggio «dall'antagonista al protagonista». All'interno dell'istituzione universitaria non ci sono forze sufficienti a rinnovarla: non esiste un movimento dei professori di sinistra, e le organizzazioni studentesche vegetano in stato di frustrazione. All'esterno, non esiste una libera, creativa piattaforma della cultura, mentre incalza una nuova accademia sostenuta dalla sinistra. Le ragioni per essere pessimisti, e quindi per restare appiccicati fino a 75 anni alla propria cattedra, sono innumerevoli. Ma questa situazione non può durare, la relativa calma che constatiamo negli atenei si fonda su una prostrazione di professori e studenti, su un infiacchimento etico-culturale che preannuncia, per il domani, o il collasso definitivo o una spaventosa tempesta. Io nutro ancora un po' di ottimismo. Credo che intorno a una proposta immaginativa e rischiosa per l'università di massa, elaborata da un governo-ombra, si possano coagulare le forze coraggiose all'interno e all'esterno dell'istituzione universitaria, impostando una battaglia dura ma, alla fine, forse vincente.

*mesmo um reitor de qualidades excepcionais, como Antonio Ruberti,<sup>30</sup> pode superar o impasse. As pequenas soluções, destinadas à [mera] eficiência, não afetam a substância da questão. A segunda Universidade de Roma, em Tor Vergata,<sup>31</sup> além do fato de que vai demorar 10 anos para ser construída, será um Lager<sup>32</sup> pior que a primeira.*

*Neste ponto, a única esperança reside no "governo-sombra"<sup>33</sup> proposto pelo Partido Radical, ideia condutora que caracteriza a passagem "de antagonista a protagonista". No seio da instituição universitária não há forças suficientes para renová-la: não há um movimento de professores de esquerda, e as organizações estudantis vegetam num estado de frustração. Fora do meio acadêmico, não há uma livre, criativa, plataforma da cultura, enquanto avança uma nova academia apoiada pela esquerda. As razões para ser pessimista, e, portanto, permanecer amarrados até os 75 anos a suas cátedras<sup>34</sup> são inumeráveis. Mas esta situação não pode durar, a relativa calma que constatamos nas universidades é baseada em uma prostração de professores e alunos, em um enfraquecimento ético-cultural que preannuncia para o futuro, o esfacelamento definitivo ou uma tempestade terrível. Eu alimento um pouco de otimismo. Eu creio que em torno de uma proposta imaginativa e arriscada para a universidade de massa, elaborada por um governo-sombra, possam se integrar as forças corajosas dentro e fora da universidade, estabelecendo uma batalha difícil, mas no final, talvez vitoriosa.* ■

30. Antonio Ruberti (1927-2000), engenheiro, fundou e dirigiu o Instituto de Automação da Universidade de Roma, de 1969 a 1976. Foi reitor da Faculdade de Engenharia da mesma Universidade de 1976 a 1987.

31. A segunda universidade de Roma, Università degli Studi di Roma Tor Vergata, foi aprovada por lei de 1971, mas só começou a funcionar em 1982 em edifícios adaptados. O campus universitário só foi implantado a partir de 1987, quando foi realizado um concurso internacional para o projeto, que ganhou o arquiteto Alfredo Lambertucci (1928-1996). Destarte, Zevi tinha razão.

32. Em italiano a palavra alemã Lager, que Zevi utiliza no seu texto, é entendida como "campo de concentração".

33. O autor refere-se a uma estrutura paralela de poder que age nas sombras do poder principal, provém do termo inglês "shadow cabinet".

34. 75 anos era a idade da aposentadoria obrigatória para os professores universitários concursados.